

## EDITORIAL

### CONVIVENDO COM O MEDO

Dragões, monstros, gigantes, ogros, seres malignos e predadores sempre fizeram parte da mitologia e cultivados, ademais, pela fértil mente humana. São arquétipos recorrentes em todas as culturas e expressam, exacerbam o medo ancestral dos predadores, animais famintos, que, no passado, caçavam, desmembravam, dilaceravam, mastigavam, devoravam, regurgitavam e expeliam seres humanos.

Os monstros que cultivamos em nossos sonhos e agasalhamos na memória milenar, que reproduzimos na literatura, no cinema, nos vídeos são, dessa forma, expressões atávicas de nossos medos, fragilidades e humilhações, de sermos caçados, mortos e deglutidos – nós que nos consideramos supe-

riores e senhores de toda a natureza.

Culturalmente, os monstros, extraídos do reino da mitologia, auxiliam-nos e explicam-nos os temores e sustos de que somos acometidos, quando nossa vida está em perigo (ante fenômenos naturais e climáticos: vulcões, tsunamis, tempestades; em situações de risco de vida). Daí sermos atraídos e instigados pelo perigo, para o medo, o absurdo, o fantasioso. O ser humano, conquanto predador do ambiente e da própria raça, (crimes, guerras), igualmente monstro, incorpora esse mito como uma autoafirmação, autocrítica, como uma sensação de poder e culpa. Uma catarse ou máscara para acobertar sua ainda violenta instintividade.

### AO PÉ DA FOGUEIRA

#### "É DURO..."

Apreciava uma branquinha que bebericava pelos bares e ao longo de muitas vias da cidade. Não deixava de dar suas caminhadas e goladas. Na verdade, bebia e muito.

Amigo, igualmente, quando na cidade, de um velório e de acompanhar o defunto, desde a casa, até a igreja e daí ao seu destino final, o cemitério. Costumava repetir os dizeres do sacerdote, quando da encomendação na igreja: "conforme o costume cristão, agora vamos sepultar o corpo do irmão..." No mais, era trabalhador rural, exercendo os mais variados ofícios. Assim era o Brecôco e que, por fatalidades da vida, viria a morrer afogado, algum tempo atrás, em uma represa, em uma fazenda no Fundo da Mata.

À beira do túmulo, acotovelando-se entre os populares, gostava de proferir alguns monossílabos em forma de panegírico. Uma forma de levar consternação e consolo à família, homenagem ao falecido, explicava. Estava quase de sempre, numa brasa só. Certa feita, cambaleante, rosto e olhos vermelhos de tanto álcool, sendo sepultada uma parenta da família dos "Moranga"; à hora em que coveiros e familiares, com a ajuda de lingas e hastes de ferro liso, preparavam-se já para baixar o esquife ao fundo da cova, Brecôco externou um gesto de silêncio, atropelou algumas pessoas à sua frente, abeirou-se do buraco, trôpego e trêfego, intentando proferir algumas palavras. Expectativa e alguns risos.

O caixão principiava sua lenta descida. O orador, visivelmente chumbado, curvou longamente o corpo em direção ao esquife, inflou o peito, arqueou o máximo que pode a coluna e exclamou, alto:

- É duro...

Trêmulo, halos de fogo a escapar-lhe da boca, contorcendo-se

em etílico ritual, - algumas pessoas escorando-o - tornou à posição normal, ereto, para daí, num átimo, vergar rapidamente o corpo rumo à cova, exclamando:

- É duro...

Escorregadia e solta a terra adjacente à sepultura, quase foi ao fundo, o que o faria cair de borco sobre o caixão, esse, a essa altura, deslizando e encaminhando-se para repousar finalmente junto à terra. E uma vez mais, inclinou-se para o caixão, repetindo a sua elegiaca afirmação:

- É duro...

Retornou, enfim, uma vez mais, à sua posição normal, e apontando o esquife que chegara, nesse momento, ao fundo, - momento em que os coveiros cobriam rapidamente a cova com largas pazadas de terra - encerrou seu patético palanfrório:

- Mas tem que enterrar!...



# ADIVINHAS

- 1- O que é que não é chuva, mas cai do céu?
- 2- O que é que tem sete vidas, mas não é gato?
- 3- O que é que o careca vai fazer na barbearia?

Respostas: 1- Rato; 2- A gata; 3- Barba

## Provérbios e Adágios

- \*Por falta de um cravo, perde-se a ferradura.
- \*Por fora, cordas de bela viola: por dentro, pão bolorento.
- \*Quem vos prometer mares e areias, não o creias.
- \*Mulher que não limpa a casa, marido cria asa.
- \*Promessa de beijar na janela, não enche a goela.

## Para refletir:

*O coração precisa estar em cada patamar da vida predisposto à despedida e a novo início para, na coragem e sem pesar, entregar-se a outras ligações. E, em todo começo, reside uma magia que nos protege e nos ajuda a viver. O Espírito Universal não nos quer prender e limitar; quer erguer-nos de grau a degrau, quer nos ampliar (Hermann Hesse)*

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Redação: João Pinto de Oliveira, Heloisa Helena V. Reis Oliveira e Marcus Antonio Santiago

Apoio: Ana Clara de Paula e Julia Francisca Vasconcelos Santiago

E-mail:

credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG

CEP: 36.350-000 – telefone: (32) 3376-1107

Falar com Julia Francisca Vasconcelos Santiago

Realização:



## UNIFRAN em parceria com Instituto IBE inicia suas atividades em São Tiago

A Universidade de Franca (Unifran) teve sua fundação em 26 de janeiro de 1970, e idealizada por dois empreendedores da educação, Abib Salim Cury e Clovis Eduardo Pinto Ludovice, seu reconhecimento pelo MEC deu-se através do Decreto Federal Nº. 70.373 de 06/04/1972.

Com o sucesso do empreendimento no ano de 1975, ampliou seus cursos, incorporando a Faculdade Pestalozzi e a Faculdade de Filosofia do Ateneu Francano.

Desde sua criação, caracteriza-se por ser uma instituição de ensino superior voltada para o futuro, buscando sempre a modernização da infraestrutura física, acervo bibliográfico e dos recursos pedagógicos.

A data histórica de destaque da Unifran recai sobre 25 de agosto de 1994, quando o conjunto de cursos oferecidos e a organização administrativa interna transformam-se em Universidade de Franca, por meio da Portaria nº. 1.275, tendo em vista o Parecer do CFE Nº. 615/94.

A Unifran, em seus 40 anos de história, já formou mais de 35 mil profissionais. Abriga mais de 500 docentes, cujas titulações ultrapassam 60% de mestres e doutores.

A Universidade de Franca foi credenciada pela Portaria Ministerial Nº. 1.691, de 13 de outubro de 2006, para o oferecimento de cursos na modalidade de educação a distância (EAD). Com essa expansão criaram-se vários polos de apoio presencial pelo Brasil, autorizados pelo MEC.

Em 2012, a diretoria executiva do Instituto Brasileiro de Ensino (IBE) de Belo Horizonte, através do gerente comercial, Sr. Jackson Abreu e da diretora acadêmica, Prof.<sup>a</sup> Cláudia Lage, tendo em vista o intuito de atender a demanda de seus alunos também na área de graduação, fez convênio com a Unifran para ofertar cursos superiores na modalidade a distância.

O Instituto Brasileiro de Ensino (IBE) já está atendendo São Tiago com os cursos de pós-graduação, passou a atender também com cursos de graduação. A divulgação do vestibular se deu em dezembro (2012) e janeiro (2013) em Mercês de Água Limpa, Morro do Ferro e São Tiago.

O vestibular realizou-se em 15 de fevereiro de 2013. Inscreveram-se no processo seletivo 32 alunos distribuídos nos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Pedagogia, Letras/Literatura, História, Filosofia e Marketing que irão ser incorporados ao polo de apoio presencial de Belo Horizonte, sendo a primeira turma de graduação da Unifran em São Tiago.

O primeiro encontro presencial realizou-se no dia 09 de março de 2013, no horário de 8h30 a 12h30 na Salinha Paroquial, no centro da cidade. A aula inaugural foi ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Nádia Magalhães que explicou aos alunos o funcionamento dos cursos, acesso a plataforma online, encontros presenciais, aula no ambiente virtual, entrega de atividades e fóruns. Após esse momento foi distribuído aos alunos o calendário de atividades de cada curso e material didático.

Aproveitamos para agradecer pelo apoio na divulgação, à Terezinha Percília, coordenadora da União Fm e também a Bruno Caputo, radialista e jornalista da emissora.

Com o início das atividades da UNIFRAN em São Tiago, desejamos sucesso e perseverança aos novos acadêmicos.



Ana Paula Lara e Marcus Santiago



Patrocínio:

EletrôMóveis



Apoio Cultural:



## Ao informativo "SABORES E SABERES"

### MERCÊS DE ÁGUA LIMPA - PERSONALIDADES EXÓTICAS E ATÍPICAS

#### "ZÉ BIRIBA" OU "ZÉ PURGUINHA"

Ninguém sabe ao certo e exatamente onde e quando nasceu Zé Biriba. Certamente nasceu na região: na sede do distrito ou nos arredores, pois era afilhado de batismo do Sr. Domingos Macena, morador em uma fazenda bem próxima de Mercês de Água Limpa.

Dizem que vivia perambulando de fazenda em fazenda, de sítio em sítio, sempre muito bem acolhido pela população, pois era conhecido em toda região pelo respeito com aqueles que o hospedavam e dignidade de seu caráter.

Eu o conheci em São Tiago, através da família desse seu padrinho, cuja esposa era minha tia, por volta de 1964.

Zé Biriba marcou minha infância – já quase adolescência – pois era muito alegre: tinha uma gargalhada espalhafatosa, fala fanhosa e arrastada, dicção de difícil compreensão. Presença muito expressiva, espontaneidade marcante, personalidade inconfundível.

Convivi muito pouco com o Zé Biriba. Nunca soube seu verdadeiro nome, nem sei por que tinha esses apelidos. Pelo que me lembro, ele não usava boné – antigamente chamado de "biriba" – nem chapéu; o via sempre com um paletó preto de casimira, calça tipo social, com cinto. Se na sua roupa tinha pulgas, não sei. Mas o que realmente nunca me esqueci de sua passagem pela minha história é que Zé Biriba quando presenciava a mãe, o pai ou alguém corrigir ou chamar a atenção de uma criança, ele, literalmente, "entrava no meio" da conversa ajudando quem estava com a razão – sempre os mais velhos – dizendo com sua voz fanhosa:

- Respeita sua mãe, minino. Cê num tá veno o qui ela tá te falano? Pruquê cê tá temano cuela? Num brinca c'o fogo não. Cê num vê qui é pirigoso dimais?... Parece até qui qué quemá.

... e ia repetindo tudo o que a mãe dizia.

No fim, ela se calava deixando a reprimenda por conta dele.

Algumas crianças tinham muito medo do Zé Biriba. Outras, achavam graça e até pediam suas mães para fingirem que as xingavam quando ele estava em suas casas.

Até hoje, em algumas famílias agualimpenses, quando alguém tem essa atitude, prontamente é chamado de "Zé Biriba".

Depois que vim morar aqui, o vi de longe muito poucas vezes. Ele já morava em São João del-Rei, no Albergue Santo Antonio. De vez em quando vinha rever os amigos, matar as saudades da Capelinha, se hospedando na casa dos familiares do Sr. José Hígino e Sr. Félix Marques.

Quando Zé Biriba faleceu, há vinte anos, muitos agualimpenses foram ao seu sepultamento em São João del-Rei.

Para mim ele deixa muitas lições: o respeito aos mais velhos, a atenção aos ensinamentos dos pais, o amor à Terra Natal e aos amigos, mas, acima de tudo, a valorização de quem o acolheu quando ele não tinha – ou parecia não ter – residência fixa.

#### MARIINHA

É minha grande amiga.

Conhece todos os moradores da sede do distrito e é conhecida e amada por todos.

Humilde, tímida, simples, discreta, ingênua; pura de corpo, alma e mente. Carinhosa e meiga. De pouca conversa: baixa e mansa. Não tem nada. Sente-se – e faz questão – de não ser ninguém. Tem um único companheiro e amigo inseparável: um cachorro, o Elanias, que, há alguns anos, ela diz ter "achado na rua, acolhido e adotado como a um filho. Tadinho, tenho muita dó dele!"

Faz questão de participar de todas as celebrações da igreja. Sempre o Elanias chega à sua frente procurando o mesmo lugar, na Matriz ou Nova Matriz. Mas se já acha alguém no lugar que devia ser o da Mariinha, ele se deita embaixo do banco da frente ou no de trás, aguardando a chegada da amiga em poucos segundos. A presença de Elanias não incomoda ninguém. Não conheço o timbre do seu latido: parece que os outros cachorros o respeitam e o admiram. Ele só acompanha a Mariinha no momento da Sagrada Comunhão, que ela recebe ajoelhada, sob

o olhar atento do companheiro. Elanias volta à sua frente, cabisbaixo, para o mesmo banco. No final da celebração, saem da igreja, silenciosa e discretamente, conforme chegaram.

Certa vez, na procissão de ofertas, numa Missa Solene de 24 de Setembro, o dia da Padroeira, Nossa Senhora das Mercês, Mariinha entrou espontaneamente, sem ter sido convidada pelo cerimonial, e deu um abraço em D. Barroso. Vi nesse seu gesto a presença e um recado de Deus (...).

Sinto falta da presença da Mariinha nas festas de noivado, casamento, batizados, formaturas ou confraternizações de fim de ano, pois sempre a encontro em velórios e celebrações de exéquias.

Interessante o modo de vestir da Mariinha: usa várias roupas sobrepostas. Pessoas caridosas sempre a levam para suas casas, preparando-lhe banho, roupas novas e limpas. Dizem que nessas ocasiões já tiraram dela até vinte e cinco peças de roupa de uma só vez! Está sempre com um pano amarrado na cabeça: por vezes até roupas íntimas.

Incrível que debaixo de tanta roupa, Mariinha traz tudo que ganha nas casas dos amigos: moedas, copos com doces, balas, bombons, embrulhos com gêneros alimentícios, frutas, verduras e até ovos. Quando cria laços de amizade com alguém, timidamente, deixa algumas dessas "coisas" na porta desses amigos. O padre sempre encontra um embrulhinho no muro da Casa Paroquial. Todos já sabem: "coisas da Mariinha"...

Outro comportamento exótico e atípico: Mariinha tem um filho que mora em Santo Antonio do Amparo, com esposa e filhos. De vez em quando vêm visitá-la e convidá-la para morar com eles. É claro que desconversa, como se ela e todos fossem eternas crianças. Já foi encaminhada para o Albergue São Francisco, em São Tiago, mas em poucos dias fugiu de lá.

É aposentada. Não sei quem administra seu vencimento. Sei que, há alguns anos, a Conferência São Vicente de Paulo construiu sua casa, mobiliou-a disponibilizando utensílios e vasilhames de primeira necessidade, ensinando-a como utilizar panelas, roupas de cama, mesa e banho. Mariinha nunca dormiu nessa casa! Levou – e continua levando – tudo que tinha – e tem – em sua casa para as margens das entradas, no entorno do distrito, cada noite dormindo em um desses pontos. É claro que o Elanias sempre a acompanha, faça calor ou frio, chuva ou noite enluarada. Todos os dias, por volta das dez horas, os dois chegam felizes de sua "pousada".

Mariinha é caridosa. Por vezes até explorada. Quando sabe de alguém doente na comunidade, sempre vai visitar e oferecer ajuda. Varre os terreiros, carrega água para molhar as plantas, lava os passeios e capina a horta. Não aceita pagamento. Às vezes almoça, toma café ou janta nas casas em que presta esses serviços, não sem fazer questão de que o Elanias seja o primeiro a ser servido.

Gosto muito da Mariinha: do seu jeito desprendido. De sua disponibilidade, ingenuidade, timidez, simplicidade; de sua religiosidade discreta. Gosto, principalmente, de ouvir sua voz pausada, mansa, baixiiiiinha.

Apesar de usar tanta roupa ao mesmo tempo, ela tem um abraço tão gostoso!!!



Mercês de Água Limpa, 20 de janeiro de 2013.  
Carlita Maria de Castro e Coelho

# INVENTORES BRASILEIROS ESQUECIDOS



Simplórios alunos dos antigos cursos primário e ginasial (hoje curso fundamental), aí pela metade do século passado, ouvíamos, ensinavam-nos que o Brasil contava em sua parca galeria de inventores, três nomes de relevância mundial: O Pe. Bartolomeu de Gusmão, inventor do balão aeróstato <sup>(1)</sup>; o Dr. Manuel de Abreu, inventor da abreugrafia<sup>(2)</sup> e o nosso imortalizado Alberto Santos Dumont, inventor do avião <sup>(3)</sup>

Ao longo da vida, fruto de leituras, observamos que o País, malgrado sua crônica despreocupação e desvalorização das áreas de pesquisas e ciências e mesmo tudo a que se refere o uso do intelecto, produziu, no passado, outros notáveis cientistas e inventores, hoje quase que totalmente esquecidos da população e que tiveram suas invenções patenteadas por outros países.

Apenas, como exemplo, vejamos dois casos e por coincidência ambos sacerdotes católicos:



**1** – Francisco João de Azevedo (1814-26/06/1880), religioso parai-bano que, por volta de 1850, inventou a “máquina taquigráfica”, (máquina de datilografia), que lhe rendeu o prêmio e agraciamento por D. Pedro II, durante a Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1861. Convidado a apresentar sua invenção na Feira de Londres em 1862, o inventor pobre e sem apoio das autoridades, não pode comparecer. Foi ainda professor no Arsenal de Guerra de Pernambuco e compositor musical, deixando inúmeras peças sacras.

Sua invenção acabou sendo patenteada pela Remington, ficando os americanos com a glória de inventores da máquina de escrever. Há indícios de que o inventor tenha sido sabotado por um amigo estrangeiro, agente de negócios, que lhe roubou os projetos (protótipos, desenhos, etc) vendendo-os ao tipógrafo estadunidense Christopher LathanSholes (1819-1890), que, em 1873, aprimorou o equipamento, o patenteou e se passando como o inventor da máquina de datilografia. Já em 1876, a Remington colocava as primeiras máquinas no mercado americano e europeu.

Pe. Francisco de Azevedo desenvolveu ainda outras invenções, tais como o elipsígrafo (instrumento de uso geométrico para traçar elipses); uma máquina para o aproveitamento do movimento das ondas e um veículo terrestre movimentado pelas forças dos ventos marítimos comuns em Recife e Olinda, onde era professor.

## NOTAS BIOGRÁFICAS



1- Bartolomeu Lourenço de Gusmão nasceu em Santos, SP em 1624 e faleceu em Toledo, na Espanha em 18/11/1724. Sacerdote secular (ordenado em 1701), cientista e inventor brasileiro. Inventor do balão aeróstato, tendo realizado em 1709, a sua apresentação no Palácio Real de Lisboa, na presença do Rei D. João V, de fidalgos e diplomatas,

quando o aparelho, para espanto de todos, com propulsão a fogo, voou 4 metros acima do solo.

Bartolomeu de Gusmão foi, ao longo da vida, perseguido por fidalgos e pela Inquisição, pois viam na sua invenção “uma obra da feitiçaria”. Era ainda amigo dos judeus, o que indignava os inquisidores. Viveu perambulando por vários países da Europa, quase sempre fugindo de seus inimigos. Inventor ainda de lentes ópticas, além de fabricante de remédios alternativos.



2 - Manuel Dias de Abreu (São Paulo, 04/01/1892 – Rio de Janeiro, 30/01/1962) Médico, cientista e inventor da abreugrafia, método

radiológico, (radiografia do tórax), por ele criado em 1936, mediante a conjugação da roentgenofotografia (radiografia e raios X ou roent) e a fluorgrafia (impressão da imagem obtida na placa fluorescente da radioscopia)



**2** – Roberto Landell de Moura (Porto Alegre, RS – 21/01/1861 – 30/07/1928) um dos maiores inventores e cientistas brasileiros de todos os tempos. Filho de tradicional família gaúcha. Aluno do Colégio dos Jesuítas em São Leopoldo - RS, onde concluiu o curso de humanidades, transferindo-se em 1879 para o Rio de Janeiro, aí estudando na Escola Central, hoje Instituto Militar de Engenharia-IME.

Optando pelo sacerdócio, por influência familiar, frequentou o Colégio Pio Americano e a Universidade Gregoriana de Roma, sobressaindo-se como um notável aluno de Física e Química, matérias para as quais demonstrara inclinação desde criança. Ordenou-se sacerdote em 28/11/1886. De volta ao Brasil, residindo no Rio de Janeiro, desenvolveu o protótipo do primeiro transmissor de mensagens sem fio, exibindo-o ao Imperador Pedro II, muito antes de Marconi realizar os primeiros testes na Itália. Em 1894, reali-

zou a primeira transmissão pública por meio de ondas hertzianas, distância de 8 quilômetros, entre o alto da Av. Paulista e o alto de Sant'Anna. Em 1900, tinha a patente brasileira do invento sob o nº 3279. Em 16/07/1899, realiza a primeira transmissão pública de rádio.

Entre 1903 e 1904, Landell conseguiu nos Estados Unidos as patentes de três inventos: o transmissor de ondas hertzianas ou landellianas; o telefone sem fio e o telégrafo sem fio. Idealizou ainda o teletipo, o controle remoto, a televisão e a lâmpada de três eletrodos, méritos que depois passaram a outros cientistas. Realizou ainda estudos avançados e aplicou-os em seus inventos sobre o selênio e suas propriedades sensíveis aos raios azuis, violetas e ultravioletas.

Como sacerdote, trabalhou em Porto Alegre, Uruguaiana (1892), Santos e Campinas. Nesta cidade, atuou desde 1893, realizando inúmeros estudos e testes. Suas experiências e pesquisas científicas atraíram a ira de eclesiásticos e paroquianos retrógrados, que viam em seus trabalhos algo diabólico ou contra os ensinamentos seculares da Igreja. Seu laboratório foi destruído mais de uma vez. Sem apoio oficial, tido como maluco, emocional e profissionalmente abalado, retornou ao Rio Grande do Sul, dedicando-se exclusivamente ao sacerdócio e aí falecendo anonimamente. Seus biógrafos relatam que em 1905, em audiência com o Presidente da República, Rodrigues Alves, solicita a liberação de dois navios para demonstrar seus experimentos: a transmissão de mensagens à distância, sem fio, através da radiotelegrafia. O Presidente boquiaberto ante a apresentação do cientista promete apoio, mas assessores e conselheiros dissuadiram-no de ceder os navios, sob a alegação de que o inventor era "louco". O que em termos de Brasil e em se tratando principalmente do poder público, não é de se estranhar.

Quanta negligência, desrespeito, falta de patriotismo. Mesmo nos dias de hoje, governo e opinião pública poderiam desenvolver, através da mídia e das escolas, um trabalho de resgate e revalorização de grandes e esquecidos brasileiros de todos os tempos.



**3** - Alberto Santos Dumont nasceu na Fazenda Cabangu, hoje município de Santos Dumont (MG) no dia 20/07/1873. O pai, Henrique Dumont, era de descendência francesa e rico fazendeiro de café com lavouras em Minas, Rio de Janeiro e São Paulo. Desde criança, o menino Alberto era fascinado com invenções e temas ligados à mecânica, física, química e eletricidade. Aos 18 anos foi para a França completar seus estudos, aí se entusiasmando e seducido aos motores de combustão e automóveis e ao tema da dirigibilidade e propulsão no ar.

Em 1897, fez seu 1º voo num balão e em 20/09/1898 realizou o 1º voo num balão com propulsão própria e por ele construído. Em 19/10/1901, contornou a Torre Eiffel, ganhando um prêmio especial. Prosseguiu seus estudos e aprimoramentos na construção de dirigíveis com propulsão própria e assim, em 12/11/1906, realizou um voo de 200 m. Um marco na história da aviação e o corolário do sonho humano de voar ao longo dos tempos. Como não patenteava seus inventos,

muitos aperfeiçoaram seus projetos e os registraram em seus nomes. Viajou por vários países, recebeu centenas de homenagens. Condecorado com a Legião de Honra da França no grau de grande oficial. Eleito membro da Academia Brasileira de Letras (1931)

Amargurou-se, contudo, vendo seu invento – que era de unir, pela paz e pelo progresso, os povos – utilizado para a guerra, bombardeios em especial, surgindo daí grave depressão e insuperável angústia. Horrorizado com o ataque de aviões governistas (Vargas) contra São Paulo na Revolução Constitucionalista de 1932, num momento em que se achava só, suicidou-se. A Santos Dumont, são atribuídas ainda outras invenções como o relógio de pulso e o chuveiro elétrico.

## A lavadeira

A lavadeira, chega pela manhãzinha naquela fria segunda-feira. Trabalhava ali já há algum tempo. Portadora de relativa surdez e com a temperatura gelada e ventosa, do dia, sentia-se desconfortável, talvez um pouco pirética. Entra, como de hábito, pelo portão lateral. Estava ali para recolher a roupa de uso pessoal e de cama da família a ser lavada na fonte.

As fontes e chafarizes eram, então, o foco de toda maledicência do arraial. Lavava-se ali não apenas roupa, mas a honra alheia. Comentários saídos daqueles locais eram sempre virulentos e tornavam-se o terror de toda a população.

Encontra a dona da casa tresnoitada, afligida. A filha moça, a “iaiazinha”, como era chamada familiarmente, aí pelos seus 17 anos, não passara bem a noite. Na verdade, passara mal. Dr. Neto fora chamado, já quase madrugada, tendo receitado um antiespasmódico... e repouso absoluto. Chás caseiros – erva cidreira, erva de são-joão, hortelã pimenta, açafraão, tanchagem – como de praxe, tinham sido igualmente utilizados, sem a devida eficácia.

O marido, homem do comércio, tinha se deslocado para as dependências da firma situada na Rua Francisco das Chagas, atendendo à freguesia que, naqueles tempos, inícios do século passado, era madrugada.

- Uma acidez, dores fortíssimas é o que menina tem..., esclarece a mãe ante a especulação cerrada da lavadeira e que, nesse momento, servia-se de café e quitandas oferecidas pela patroa – Queimação, mal estar no estômago, é o que ela se queixa...

Olhar instantaneamente orbitado da serviçal. Um quê de espanto, ar embasbacado, solavancos nas sílabas

- Mas não me diga, siá, que tal está acontecendo...

Virge Nossa...

A dona da casa se inquieta ante os trejeitos e palavras da serviçal. Inquire-a:

- O que a senhora está dizendo? A senhora entendeu bem o que eu disse?

A lavadeira baixa os olhos, silencia por



minutos, sorve a última gota de café na xícara, matreirice à mostra, esquiva-se:

- Nadica, não...

Sai dali carregando a trouxa de roupas.

Dali a horas, o assunto era um só na cidade. Um escândalo dos mais cabeludos: A filha do casal PC estava naquele estado interessante. Grávida!...

Os mexericos vindos da fonte traziam ainda condimentos e minúcias os mais picantes: quem eram ou seriam os “autores” da arte, o local e as horas em que se dera o “idílio” da moça, quantos meses de “estado interessante” e baboseiras mil.

Convocada a lavadeira, essa negou peremptoriamente, de mãos postas, sob mil juras, ser a autora da grave maledicência.

Um espanto para a família. Inúteis declarações desta e do médico de que se tratava de uma simples irritação gástrica.

Ante tamanho lamaçal, não restou à família vender os bens – casa, um terreno rural nas imediações – passar a firma para terceiros e mudar-se para outra cidade, com ares mais leves e línguas, quem sabe, menos ferinas.



# Sapatarias

Curiosas, senão singulares eram as oficinas que, no passado, confeccionavam e consertavam calçados. Quem não se lembra, entre nós, das sapatarias do Gustavo, do Inácio Pantaleão, do Chico Vitorino?

Lembravam, quase ao final do século XX, um ambiente de guildas, de artesões medievais. É como se fizéssemos uma viagem no tempo, recuando 500, 700 anos. Funcionavam em cômodos geralmente estreitos, alguns sinuosos ou cavernosos, de reduzida luminosidade. Os sapatos empilhados sobre estantes e banquetas, quando não acumulados desordenadamente pelo chão. Ferramentas, alicates, martelinhos, formas de ferro estendidas nos vãos de velhas prateleiras, vasilhas com graxas e grude, rolos de couro e solados, fivelas, agulhões completavam o bagunçado cenário. Ainda máquinas de pespontar, bancas de madeira com as laterais alteadas à guisa de pequenos compartimentos para preguinhos e tachinhas; o caixotinho de grude, geralmente, temperado com caldo de limão bravo (rosa). Nas paredes, via de regra, fotos de clubes de futebol, de astros do cinema americano ou ícones de santos. (como eram locais frequentados pela sociedade, em particular senhoras e crianças, não se viam fotos de mulheres nuas ou de cunho erótico)

Cheiro de couro e cola impregnava o ar. Trabalho penoso, desconfortável. Oficiais e aprendizes com seus aventais cor de poeira de tanta graxa, recurvados, sentados em tamboretos ou tambos cujos assentos eram grossas tiras ou forros de couro, sapato no colo, recortando, cerzindo, costurando, limando. Quando o freguês adentrava o confuso recinto, o funcionário verificava que tipo de conserto o calçado necessitava. Anotava, com lápis de cera ou mesmo de grafite, daqueles de carpinteiro, no solado, o nome ou apelido do freguês e dali o sapato era lançado, sem meias palavras, à pilha de calçados a serem consertados, aquela babel de formas, cores, as mais díspares e desarranjadas.

Para se confeccionar um calçado, por encomenda, o sapateiro tirava a medida dos pés do freguês com um instrumento de madeira envernizada. Uma peça de uns 30 centímetros, milimetrada, tendo na extremidade superior (ponta) um dispositivo fixo e na frente, outro, este móvel. Colocava-se o pé no centro (meio) e assim a medida era tirada. Os sapateiros também utilizavam-se do graminho, um instrumento para traçar riscos no bordo da peça de couro ou mesmo de papelão, de acordo com a conformação do pé. (tamanho, altura, largura). Um trabalho de engenharia, pois se confeccionado o calçado com medidas incorretas, era perda de material e de tempo, e reclamações do freguês de que o produto ficara “apertado”, “desconfortável”, provocando calos nos pés.



## Pequeno glossário

**Almofate** – espécie de sovela ou furador usado pelos sapateiros para abrir buracos na sola

**Chumeco** – antigo nome que se dava ou denominava o sapateiro

**Craveira** – compasso utilizado pelos sapateiros para tomar a medida do pé

**Cravete** – cada uma das pontas metálicas da fivela que servem para fixar o cinto, a correia, etc

**Estrigas** – filamentos de fios, cadarços

**Gáspea** – parte superior e dianteira do calçado, a qual cobre o pé e é cosida à parte posterior

**Graminho** – instrumento para traçar riscos paralelos nos bordos das peças de couro

**Ilhó** – orifício por onde se enfia a linha, fita, cordão, etc.

**Pala** – parte do calçado onde se assenta a fivela

**Postigo** – pequena porta

**Rebolo** – pedra para amolar

**Suta** – esquadro para se traçar ângulos

**Tirapé** – correia com que os sapateiros prendem o calçado à forma

**Trincafio** – linha de sapateiro

**Tambo** – mesa baixa



# ANOS TREZENTOS

## "SÃO TIAGO-MG - TRÊS SÉCULOS"

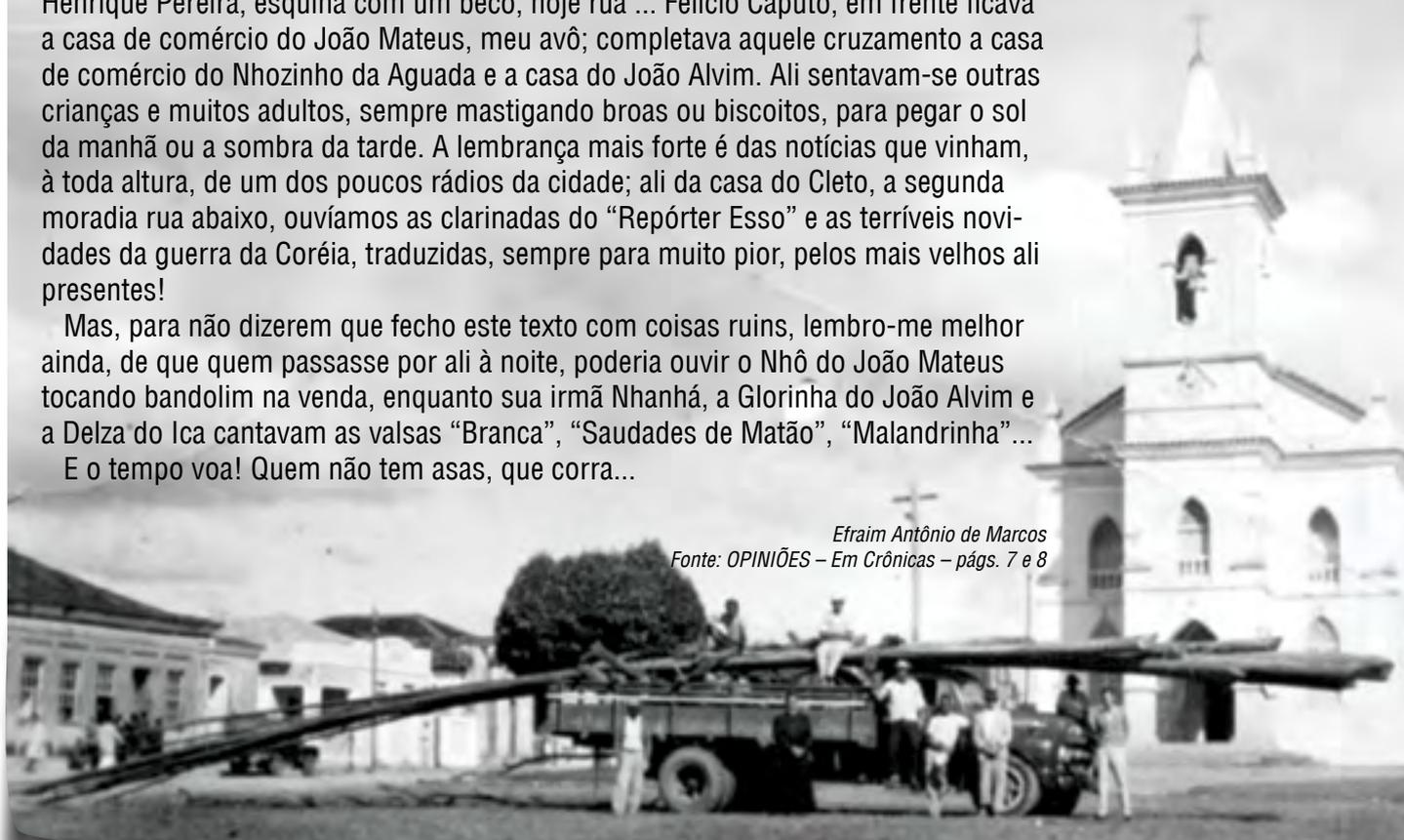
Caríssimo! Pegue um caco de telha ou de tijolo e faça a continha aí no chão mesmo: mil setecentos e oito, mais duzentos e quarenta, tire a prova dos nove, consulte uma cartomante, se quiser, mas tenho quase certeza de que vai dar mil novecentos e quarenta e oito. Agora pode separar muitos algarismos para arriscar em todos os jogos deste imenso cassino que é o nosso país, mas, antes de sair correndo para fazer sua fezinha e ficar uns trocadinhos mais pobre (ou menos rico), escuta esta: mil novecentos e quarenta e oito foi o ano de promulgação da Lei que emancipou o município de São Tiago! Era Presidente da República o General Eurico Gaspar Dutra e Governador de Minas, Milton Soares Campos. Não vou citar o dia (dezessete) nem o mês (abril), porque ninguém gosta muito de ficar guardando datas, mas digo, sim, que no ano seguinte assumiu seu cargo o primeiro Prefeito Municipal, o distinto fazendeiro Joaquim Vivas da Mata; vice, Henrique Pereira Santiago, farmacêutico que durante muitos anos supriu com eficiência e zelo extraordinários a falta de médicos, pelo que fico feliz de constatar que a rua da minha infância tem agora o seu nome.

Quem diria... A cidade que nasceu do garimpo, hoje é a terra do biscoito, produto de relevância econômica.

No percurso do quarto corredor, que só agora está passando o biscoito, quero dizer o bastão, este que vos fala sentava-se numa graminha rala e encostava-se no alicerce da casa do Ica, na rua hoje Henrique Pereira, esquina com um beco, hoje rua ... Felício Caputo; em frente ficava a casa de comércio do João Mateus, meu avô; completava aquele cruzamento a casa de comércio do Nhozinho da Aguada e a casa do João Alvim. Ali sentavam-se outras crianças e muitos adultos, sempre mastigando broas ou biscoitos, para pegar o sol da manhã ou a sombra da tarde. A lembrança mais forte é das notícias que vinham, à toda altura, de um dos poucos rádios da cidade; ali da casa do Cleto, a segunda moradia rua abaixo, ouvíamos as clarinadas do "Repórter Esso" e as terríveis novidades da guerra da Coréia, traduzidas, sempre para muito pior, pelos mais velhos ali presentes!

Mas, para não dizerem que fecho este texto com coisas ruins, lembro-me melhor ainda, de que quem passasse por ali à noite, poderia ouvir o Nhô do João Mateus tocando bandolim na venda, enquanto sua irmã Nhanhá, a Glorinha do João Alvim e a Delza do Ica cantavam as valsas "Branca", "Saudades de Matão", "Malandrinha"...

E o tempo voa! Quem não tem asas, que corra...



Efraim Antônio de Marcos  
Fonte: OPINIÕES – Em Crônicas – págs. 7 e 8